

# A DIMENSÃO HISTÓRICA DA INTIMIDADE: *LE CŒUR SERRÉ* (1931)

Israel Victor de MELO\*

**RESUMO:** Análise interpretativa do romance *Le cœur serré*, de René Maran (1887-1960), publicado em 1931. Trata-se em suma de apontamentos a respeito dos caracteres individuais e coletivos no conjunto de elementos que compõem a estrutura narrativa desse romance. Procuo relacioná-lo a outras obras cuja avaliação integre a análise das literaturas como unidades relacionáveis ao percurso histórico das atividades humanas em sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** René Maran. *Le cœur serré*. Estudos históricos. Estudos literários.

## Questões preliminares

Após seus quarenta anos de idade, René Maran (1887-1960) publica um daqueles que seriam seus livros de maior ênfase autobiográfica:

[...] romance autobiográfico, indo dos meus seis anos aos meus vinte anos e produzido da minha infância solitária e inquieta, da minha adolescência sonhadora, das minhas raras alegrias, das minhas decepções cruéis, das infelicidades inesperadas, de tudo para alcançar a um pessimismo irônico. (MARAN apud KUNSTLER, 1965, p. 46).

Seria *Le cœur serré*<sup>1</sup> estruturalmente um romance ficcional de caráter autobiográfico, mas parece-me que há uma incógnita na totalidade do que consti-

---

\* Doutorando em Literatura. UnB - Universidade de Brasília. Instituto de Letras - Programa de pós-graduação em literatura. Brasília - DF - Brasil. 70910-900 - israelvictor398@gmail.com. Dentre as produções mais relevantes estão o artigo “The critical enterprise in translating Black Women writers’s authorship: a description on *Who slashed Celaniré’s throat?* and *The women of Tjucopapo*”, Revista Mutatis Mutandis (2020) e o capítulo de livro “Disrupção do nacional e a escrita do mundo: a narrativa de Abdourahman A. Waberi”. In: *Literaturas Francófonas IV*, editora Dialogarts (2020). Área de pesquisa: Estudos Literários Comparados (Literaturas Africanas e Afro Diaspóricas).

<sup>1</sup> Confira Maran (1931).

tuiriam dados, elementos, fases e espaços vividos pelo autor franco-guianense. Há, de imediato, uma querela que entorna um dado importante sobre René Maran. Embora ele seja o primeiro autor negro laureado Goncourt, em 1921, pelo romance *Batouala*<sup>2</sup>, ele não é citado, por vezes, nem em compêndios de literatura francesa (metropolitana, por assim dizer), nem em compêndios de literaturas africanas de língua francesa. Sua produção é estudada por intelectuais do campo das literaturas francófonas, no grande conglomerado denominado francofonia. Cito, em contramão, os mais expressivos estudos, especialmente, as publicações coletivas. Tendo cinco anos passado o falecimento do autor, pela célebre editora Présence Africaine, *Hommage à René Maran*<sup>3</sup> é publicado, com uma reunião de textos de Charles Astruc, Mercer Cook, Albert Darnal, Manoel Gahisto, Charles Kunstler, Léopold-Sédar Senghor, René Violaines, alguns depoimentos de Charles Bareilley, Odet Denys, François Descoeurs, A. Fraysse, J. Jacoulet, Albert Maurice, Pierre Paraf, Jean Portail, François Raynal, Martial Sinda, Paul Tuffrau e o texto integral de *Djogoni*, de René Maran. Em 2005, dirigido por Lourdes Rubiales, o número 14 da Revista Francofonia, concernente a ensaios sobre a produção de Maran, constando, inclusive, uma carta inédita do autor franco-guianense. Assinam os textos Pierre-Philippe Fraiture, Pierre Halen, Marie-Hélène Koffi-Tessio, Roger Little, Buata Malela, Anthony Mangeon, Bernard Mouralis e a coordenadora do número, Lourdes Rubiales. Recentemente, em 2018, Roger Little reuniu textos teóricos e apresentou-os, em parceria com Kusum Aggarwal, Ferroudja Allouache, Florent Sohi Blesson, Sylvie Brodziak, Loïc Céry, Juan Fandos-Rius, Tunda Kitenge-Ngoy, Boris Lesueur, Katrien Lievois, Buata B. Malela, Hanétha Vété-Congolo, sob o título de “*René Maran: une conscience intranquille*” (Revista Interculturel Francophonies, 33)<sup>4</sup>. Nessa mesma publicação, há uma novela de Maran, cujo título é “*Deux Amis*”.

Em se tratando especificamente de *Le cœur serré*, há escassos estudos. Quando muito, uma menção breve. Não me interessaria ainda explicar as razões pelas quais o autor e seu romance autobiográfico tenham caído em certo ostracismo perante a historiografia literária metropolitana. Pretendo, pois, analisá-lo segundo as ordens de um constituinte ficcional, tal qual romance, e de constituintes supra-ficcionais, como proposta de articulação interpretativa do todo. Não me interessaria, em boa medida, o que de particular há nesse romance que ligaria ficção à realidade experienciada pelo autor, senão para compreender alguns

---

<sup>2</sup> Confira Maran (1938).

<sup>3</sup> Confira Hommage... (1965).

<sup>4</sup> Confira René... (2018).

processos: a historicidade, o racismo na França metropolitana entre-Guerras e a historiografia literária canônica.

Assim, revisito aquilo que Frantz Fanon (1925-1961), intelectual martinicano, nos sugere em *Pele negra, máscaras brancas*, ao afirmar que “[...] a literatura se engaja cada vez mais em sua única tarefa verdadeiramente atual, ou seja, levar a coletividade à reflexão e à meditação.” (FANON, 2008, p.157). Isso porque, se pensarmos em uma tarefa complexa confiada às literaturas, reconheceríamos que, ao ler, refletimos sobre a psicologia humana, as relações sociais humanas e, mais ainda, os elementos eventuais e fenomenológicos que constituem os percursos históricos humanos. E em todas essas reflexões, o ser humano é o cerne da questão e, por isso, por menos engajada *stricto sensu* que seja determinada atividade ficcional-literária, ela retorna a si mesma: aquela ou aquele que a produz. A literatura é, pois, uma atividade humana cuja centricidade é humana (aspecto tautológico). Portanto, humana que é, a literatura conjuga unidades históricas, se levamos em consideração que a História não é aquela narrativa de um heroísmo limitado a personagens (não ficcionais) que viveram ao longo de um período de atividade humana em sociedade, mas, sim, a ciência das transformações, como propõe Gérard Genette (2017), em *Figures III*. Por essa acepção, considero que as literaturas, como sistemas, formam o conjunto de narrativas em torno das quais miramos os percursos humanos, não como reflexos imediatos e diretos de uma **realidade da ação** histórico-social (**o que**, de fato, aconteceu), mas das transformações psico-histórico-sociais (**como** aconteceu) (o problema da representação). Contudo, a obra literária não seria, segundo o crítico francês, objeto histórico, por não responder às exigências de permanência e variação. Nisso, concordamos. A obra literária, por mais humana que seja, tem (teve, sempre terá) sua tessitura no campo das ficções. E a História é a ciência das transformações reais, vivenciadas. À medida que a literatura descreve o modo pelo qual as transformações humanas acontecem em sua mínima estrutura (a vida individual cotidiana), a História se preocupa em tornar objeto de estudo os acontecimentos em sua dimensão estrutural (a vida coletiva permanente e variante). O que deveria ser levado em consideração é que, no entanto, é parte fundamental do consumo literário a reflexão do leitor sobre as transformações vividas em sociedade, logo, permitir-se-ia outra compreensão histórica. Se, por um lado, há um diálogo possível de compreensão de outro modo da História, há, ainda, outro modo de compreensão das Literaturas. Reflitamos, pois, sobre o romance.

## Contornos identitários

O título do romance, *Le cœur serré*, deriva de uma expressão em língua francesa que denota um estado de angústia, perturbação, inquietação e desconforto emocional do sujeito. Isso pode ser um indício imediato, mas não total, de uma interpretação possível: a de que a personagem é angustiada, em razão das circunstâncias de sua vida cotidiana. Não seria, no entanto, equivocado pensar que haveria outras formas de angústia da personagem que estariam associadas às dinâmicas de vida em sociedade, e que, portanto, denotam caráter histórico. Por uma via ou por outra, o que resta das interpretações é que o objeto de todas elas deve ser o sujeito. O estado emocional é sentido por ele, o sujeito, que, em uma linguagem teórico-literária, é a personagem. E esse apontamento nos levaria a observar uma longínqua e possível compreensão dos elementos autobiográficos desta narrativa ficcional. Com isso, em que medida seriam os dilemas da personagem aqueles também vivenciados por René Maran?

Primeira observação: os dois primeiros capítulos da primeira parte do romance são narrados em primeira pessoa do discurso (narrador participante), quando a personagem Georges Lindre ainda vivia no Peru, onde nasceu (precisamente, em Lima), e partiu para a França metropolitana (Bordeaux). Assim, poderia avaliar essa mudança de perspectiva narratológica como um dado importante a ser levado em consideração no que diz respeito aos processos identitários vivenciados pela personagem. Embora nascida em um território latino-americano, é no continente europeu que ele vê sua identidade marcada de forma consistente:

Eu me chamo Georges Lindre. Meu nome, que parece claro, é um nome francês. Perdoe-me por este grito de orgulho, pelo qual peço desculpas. **Sou francês, mas não foi na França que nasci.** Ninguém é senhor de seu próprio destino. Quinze meses antes de meu nascimento, desentendimentos familiares e contratempos forçaram meus pais a deixar Toulouse e se mudar para o Peru. Eu nasci no Peru. Lima é minha cidade natal. O vento dos Andes e do Pacífico balançaram o berço de minha primeira infância. (MARAN, 1931, p.7, tradução nossa, grifo nosso)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Do original: “*Je m'appelle Georges Lindre. Mon nom, qui sonne clair, est un nom français. Qu'on me pardonne ce cri d'orgueil, dont je m'excuse. Français, je le suis, mais ce n'est pas en France que j'ai vu le jour. Nul n'est maître de son destin. Quinze mois avant ma naissance, des dissentiments familiaux et des revers de fortune forcèrent mes parents à quitter Toulouse et à s'expatrier au Pérou. C'est au Pérou que je suis né. Lima est ma ville natale. Le vent des Andes et celui du Pacifique ont bercé ma petite enfance.*” (MARAN, 1931, p.7).

Francês, ele o é, mas não é na França onde nasce. Trata-se, ao menos, de um problema identitário marcado fortemente quando definimos que o nosso local de origem é apenas uma parte do complexo conjunto a que chamamos identidade. E, por assim ser, o seu país natal não é o berço de sua autoinscrição identitária, senão como um elemento periférico. O que é, no mínimo, particular nessa frase é que parece-me haver uma marca subjetiva de René Maran, que, mesmo sendo francês, não nasce na metrópole. A querela metrópole-ultramar é um elemento significativo para a compreensão das formações sócio-históricas das populações ultramarinas, sobretudo, antilhanas<sup>6</sup>. Como é possível ser francês tendo nascido na América Latina? Resposta: Há uma parte do que definimos “França” fora do que comumente pensamos ser “França”, denominada “França ultramarina”. Mais profundamente ainda: como essas (e nossas) identidades são formadas pelas experiências vividas em determinados territórios e não em outros (geografia identitária), com essas pessoas e não com aquelas? O entrecruzamento dos territórios, do tempo e dos sujeitos constitui a ação da experiência humana. A identidade liga-se à experiência e àquilo que marcamos dela, não tendo, por vezes, necessariamente a ver com um local predefinido em seu nascimento. O historiador caribenho C.L.R. James (1901-1989) sintetiza esse processo, ao comentar sobre o Caribe: “Aquele povo que está na civilização ocidental, que cresceu nela, mas que foi obrigado a se sentir e de fato se sente fora dela, tem uma compreensão única sobre sua sociedade.” (JAMES apud HALL, 2003, p. 55).

No romance, a personagem, em sua primeira infância, constrói suas primeiras memórias afetivas, do cão Castor e do papagaio Jacquot, de Anella, dos seus pais e do padrinho, o qual aparece figurado no primeiro capítulo, na ocasião de seu sepultamento. Mais à frente, distante do seu território natal, ele esquece ou redefine esses sujeitos afetivos: “— Georges Lindre, Georges Lindre, você tem quarenta anos. Aqui estão trinta e quatro que você nunca mais viu o país onde nasceu. Você é o que passa. Ele é o que fica. Ele se esqueceu de você. Você se esqueceu dele. Vocês estão quites.” (MARAN, 1931, p. 8, tradução nossa)<sup>7</sup>. Ora, dois aspectos são importantes de serem observados: *a*) esse discurso consta nas primeiras páginas do romance e é reproduzido por uma personagem externa, em um aspecto de digressão temporal: nela, Georges Lindre tem quarenta anos, assim como René Maran o tinha ao publicar *Le cœur serré*, em 1931; *b*) ocorre,

<sup>6</sup> Mais tarde, Aimé Césaire (1913-2008), importante intelectual martinicano, compõe o *Cahier d'un retour au pays natal*, obra basilar do pensamento anticolonial nos territórios de dominação francesa. Confira Césaire (1939).

<sup>7</sup> Do original: “— Georges Lindre, Georges Lindre, tu as quarante ans. En voici trente-quatre que tu n'as revu le pays où tu es né. Tu es ce qui passe. Il est ce qui demeure. Il t'a oublié. Tu l'as oublié. Vous êtes quittes.” (MARAN, 1931, p. 8).

com isso, uma ruptura narrativa-temporal que correlaciona determinada angústia pelo processo de experiência da personagem que poderia ser, em boa medida, do autor ele mesmo. Não saberíamos definir, com exatidão, as angústias daquele que saiu de seu território tão jovem e viveu longe dele por tanto tempo. Nesse ponto, o que poderíamos considerar é que o fator da memória histórica é primordial para a composição das identidades dos sujeitos. Ao esquecer ou ao definir um lugar distante de suas experiências, o sujeito se identifica como outro, um estrangeiro em sua própria terra. Isso acontece porque a memória é uma das estruturas identitárias humanas. É preciso marcar, através da memória, nossas experiências e, assim, viver nossas identidades. E, portanto, como ciência das transformações, a História é um de nossos mecanismos memorialísticos de autoinscrição identitária. Não à toa, o próprio Maran define: “A História é a pequena chama em torno da qual todos se unem para se tornar ainda mais parecidos.” (MARAN apud LADOUCEUR, 2011, p. 3, tradução nossa)<sup>8</sup>.

O trecho seguinte à digressão narrativa-temporal sugere outro caráter à identidade da personagem e, por conseguinte, a René Maran: “Toda vez que me fala assim o **duplo** que vive em mim, eu me contento em elevar os ombros e em sorrir por seu erro.” (MARAN, 1931, p. 8, tradução nossa, grifo nosso)<sup>9</sup>. Esse duplo ao qual se refere a personagem se justificaria, na narrativa, como unidade de sua identidade, revista pela binaridade local-de-nascimento (Peru)-local-de-vida (França), ou eu-passado-eu-presente. Entretanto, se elevada à máxima, a expressão de duplicidade se adequaria ao que o intelectual estadunidense W.E.B. Du Bois, em *As almas do povo negro* (1903), define como dupla consciência dos povos negros, que, irreconciliáveis com as identidades dos territórios para os quais foram destinados como mão-de-obra de trabalho escravo:

Depois dos egípcios e indianos, dos gregos e dos romanos, dos teutos e dos mongóis, o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e dotado de uma clarividência neste mundo americano – mundo que não lhe permite tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo. É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se

<sup>8</sup> Do original: “L’histoire, c’est la petite flamme autour de laquelle chacun se rassemble pour encore mieux se ressembler.” (MARAN apud LADOUCEUR, 2011, p. 3).

<sup>9</sup> Do original: “Chaque fois que me parle ainsi le double qui vit en moi, je me contente de hausser les épaules ou de sourire à son erreur.” (MARAN, 1931, p. 8).

diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade — é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio. (DU BOIS, 2021, p. 22-23).

René Maran foi um homem negro, nascido na Guiana, viveu na França metropolitana e no continente africano. Essa dupla consciência da qual trata Du Bois se aplicaria certamente ao autor, por todas as suas complexidades de experiência vivenciada no território estrangeiro, sendo um homem de tez escura. Em *Batouala* (1921), romance mais expressivo, Maran é mais incisivo no que tange à truculência do racismo no cotidiano da comunidade *moukoundji*, em Oubangui-Chari (atual República Centro-Africana), experienciado pela dinâmica do colonialismo. Acontece que, em *Le cœur serré*, a personagem Georges Lindre é um menino caucasiano. O seu duplo parece ser outro, à medida que a questão racial deixaria de ser um código identitário emergente na sua vida cotidiana. O Peru estaria como um elemento identitário para Lindre tanto quanto o fator racial negróide estaria para Maran, ainda que não seja possível esquecer de si mesmo como negro, denominador marcante na vida social. Em *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon (2008) teoriza a relação psicossocial de desejo do sujeito negro em conformidade às violências às quais é subjugado. Para o autor, as relações são construídas em suas mínimas e máximas potências a partir da ótica do racismo. Ao se relacionar com uma pessoa de raça diferente, o desejo é de se assimilar, de ser como a pessoa com quem se relaciona. Em sua análise, cita René Maran e seu *Un homme pareil aux autres*<sup>10</sup>, para exemplificar a relação entre “O homem de cor e a Branca”, notadamente, a personagem Jean Vaneuse, que, no romance, é *nègre*, expressão pejorativa dirigida às pessoas negras e da qual deriva o termo *négritude*, que nominaliza o notório movimento literário entre os anos 1930 e 1960. Desta vez, a personagem, diferente de Georges Lindre, é irreconciliável com o fato de ser negro e de ser lido socialmente somente por esse código. Por assim dizer, o dilema de Lindre concerne à sua relação com o território e as pessoas, as quais lhe são estrangeiras: “Aqui estou. Eu jogo fora meus doces. Entendido. Eles me entregam para estranhos... Papai malvado!...” (MARAN, 1931, p. 24, tradução nossa)<sup>11</sup>. De acordo com o intelectual congolês

<sup>10</sup> Confira Maran (1962).

<sup>11</sup> Do original: “*Me voici parti. Je jette mes bonbons. J’ai compris. Ils me livrent à des étrangers... Méchant papa !...*” (MARAN, 1931, p. 24).

Buata Malela (2008), em *Les écrivains afro-antillais à Paris*, a personagem é assimilada: “[...] em *Le cœur serré*, ele se baseia na própria ausência da África em favor da desintegração do francês negro que se torna totalmente branco como Jo é (unido à França por seus amigos de Bordeaux).” (MALELA, 2008, p. 58, tradução nossa)<sup>12</sup>.

## Dos sistemas sociais

Georges Lindre, que, após o terceiro capítulo da primeira parte, passa a ser Jo — homófono de *je* (pronome pessoal **eu**, em francês) ou *yo* (pronome pessoal **eu**, em castelhano). É nesse momento que há uma mudança de perspectiva narrativa: de narrador participante para narrador observador. E é a partir daqui que a narrativa ocupa um outro espaço, o da escola em regime de internato, e a personagem está isolada de sua família.

Naquilo que diz respeito à sua vida em internato, o Petit Jo encara o cotidiano de modo atenuante nos estudos, a ponto de receber mesmo uma condecoração por seu desempenho. Disso, poderíamos revisitar o Goncourt de 1921. O que ocorre é que a criança se sente deslocada socialmente, sem amigos ou família. Sua solidão é recorrente e os estudos prefiguram uma saída à marginalidade das relações. Nas férias, “[...] todos haviam decolado, um após o outro. E ele foi deixado sozinho, em um canto da grande escola repentinamente deserta, sozinho, com três prêmios debaixo do braço, três grandes livros cheios de fotos e dourados nas bordas.” (MARAN, 1931, p.34, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Em tudo isso, há a equivalência entre a solidão e o reconhecimento de seu desempenho escolar. Ele pode até ser solitário, mas há uma instituição que vê nele a utilidade de suas atividades. A criança poderia ser mais útil como produtor de uma atividade intelectual do que como sujeito afetivo, real, existente. Assim como Bell Hooks, intelectual estadunidense, nos alerta: “[...] se você quiser permanecer ali [instituição de ensino], precisa, em certo sentido, lembrar de si mesma — porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com a sua dimensão física.” (HOOKS, 2017, p.181). Uma educação que não se engaje pela emancipação dos sujeitos aprendentes está fadada à incompreensão das circunstâncias mais

<sup>12</sup> Do original: “*Dans Le Cœur serré, il repose sur l’absence même de l’Afrique au profit d’une désintégration du Français nègre qui devient totalement Blanc tel que l’est Jo (uni à la France à travers ses amis bordelais).*” (MALELA, 2008, p. 58).

<sup>13</sup> Do original: “*Ils avaient tous pris le large, les uns après les autres. Et il était resté seul, en un coin du grand lycée brusquement désert, seul, avec trois prix sous les bras, trois gros livres remplis d’images et dorés sur tranches.*” (MARAN, 1931, p.34).

humanas da atividade de ensino-aprendizagem. Quer dizer, é preciso pensar a si mesmo (consciência de si) em um sistema que só codifica dados absolutos e precisos, pouco humanizados. Por isso, a escola, em seu sentido mais primário, é uma instituição social de homogeneização das relações. Ela não se preocupa se o Petit Jo estaria solitário ou não, porque, antes de qualquer coisa, o seu objetivo é fazer um sistema cursar conforme esperado. A afetividade e a compreensão emocional (e assim, psicológica) da vida escolar pouco interessa ao sistema: “A gente devia ter aulas de solidão na escola.” (FELINTO, 2002, p.29), escreve Marilene Felinto, escritora e jornalista brasileira.

A escola, como espaço social, torna-se uma prisão, no sentido foucaultiano: “Ontem mesmo, ele estava feliz. Ontem, ele estava livre. É possível que, sem motivo, ele tenha sido trancado em uma escola onde ele não é exatamente um nome ou um número completo?” (MARAN, 1931, p. 27, tradução nossa)<sup>14</sup>. Isolado dos amigos, os quais partem para suas casas familiares, ele se vê solitário, destituído da relação familiar. Socialmente, sem motivo aparente, ele se torna o objeto a ser vigiado e punido, uma vez que sua liberdade lhe é condicionada aos contextos da escola-prisão. Nas férias, lhe cabe ler e ler, ler, ler (atividade solitária). Assim, por mais fruitiva que seja, a leitura lhe é oferecida como opção de elevação (*élevage*), de fuga ou de saída àquele espaço hostil: “Então, com o coração pesado, ele começou a ler, a ler. Porque, muito rapidamente, aprendeu a ler e a escrever. E, à noite, ele sonhava com o que havia lido” (MARAN, 1931, p. 33, tradução nossa)<sup>15</sup>. Menos onírico e distópico e mais cotidiano e concretamente histórico, o ato de ler pode ser uma etapa para a consciência de si, pois a literatura nos inquieta como sujeitos. Petit Jo é um sujeito inquietante, ainda que não questione a totalidade de sua realidade de modo externo, para os outros, e sim, para si mesmo, de modo íntimo (eis, pois, a dimensão histórica da intimidade). A atividade leitora o encanta por ser útil como instrumento de fuga, de possibilidade a novos e outros mundos, distantes daquela sua realidade mais dura, insípida, “viver é uma tarefa difícil” (MARAN, 1931, p. 31, tradução nossa)<sup>16</sup>. Nessa dureza da vida, é preciso sonhar (fugir, projetar) com uma realidade diferente:

---

<sup>14</sup> Do original: “Hier encore, il était heureux. Hier encore, il était libre. Est-il possible que, sans raison, on l'ait ainsi claquemuré en un lycée où il n'est plus tout à fait un nom ni tout à fait un numéro ?” (MARAN, 1931, p.27).

<sup>15</sup> Do original: “Alors, le cœur gros, il se mettait à lire, à lire. Car, très vite, il avait appris à lire et à écrire. Et, la nuit, il rêvait de ce qu'il avait lu.” (MARAN, 1931, p. 33).

<sup>16</sup> Do original: “vivre, un métier difficile.” (MARAN, 1931, p. 31).

Ele então construiu para si mesmo um mundo prodigioso do qual ele era o encantamento. E, à noite, **ele sonhava com castelos fortificados**, barbacás, **grades, pontes levadiças, masmorras, túneis, vigias**, machicolações, torres de vigia, ameias, masmorras. (MARAN, 1931, p. 45, tradução nossa, grifo nosso)<sup>17</sup>.

Nesse mundo onírico, mais pretensiosamente livre, a personagem está mais uma vez presa entre fortalezas, castelos fortificados, vigias, torres de vigias. O seu mundo é isolado e fechado em si mesmo, não há possibilidade para imaginar aquilo que o sujeito não tenha experienciado. E, por mais próximo das aventuras dos sonhos infantis que seja, há uma realidade apreendida sob a égide da experiência escolar, isolada da relação familiar.

Para fugir concretamente desse mundo ensimesmado, a personagem sai da escola bordalesa, em período de recesso, para visitar pequenas regiões em seu entorno. Uma delas é Teich, onde conhece Margot, por quem cultivava um primeiro amor:

Vivia, enfim, o que se chama de viver, podia sonhar como quisesse, ler, quando quisesse, os livros que apareciam, anotar seus pequenos pensamentos por escrito em um caderno, brincar ou não com os novos colegas e as namoradas que ele havia encontrado em Teich. (MARAN, 1931, p.37, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Dois espaços, dois modos de viver (*locus amoenus, locus horrendus*). Nessa correlação de forças, a escola é um espaço horrível, indesejado, porém obrigatório como sistema social. É aquele espaço onde deve estar, porque foi lá que sua família lhe confiou segurança e lhe assegurou razão para ser e estar socialmente. O dilema identitário de uma geografia nacional, no início do romance, toma corpo para uma outra expressão, a de um local e a de uma região. São as experiências em Lima, no Peru, e em Paris, Bordeaux, Teich, Talence, na França, que formam a identidade daquele sujeito, em especial.

Parte de sua identidade, que o diferencia da alteridade, é a família, primeira instituição social da vida cotidiana.

---

<sup>17</sup> Do original: “*Il se construisit ainsi un monde prodigieux dont il était l’enchanteur. Et, la nuit, il rêvait de châteaux forts, de barbicanes, de herses, de pont-levis, d’oubliettes, de souterrains, de guetteurs, de mâchicoulis, d’échauguettes, de créneaux, de donjons.*” (MARAN, 1931, p. 45).

<sup>18</sup> Do original: “*Il vivait, enfin, ce qui s’appelle vivre, pouvait rêver à sa guise, lire, quand bon lui semblait, les livres qui lui tombaient sous la main, coucher par écrit dans un cahier ses petites réflexions, jouer ou non avec les nouveaux camarades et les petites amies qu’il avait trouvés au Teich.*” (MARAN, 1931, p. 37).

Georges Lindre (Petit Jo ou Jo) é deixado pelos pais, que seguiram vivendo no Peru, em uma escola de internato bordalesa (formação platônica, humanismo rabelaisiano). Suas relações são mínimas, ou mesmo nulas, nesse território estrangeiro. Nas festividades tradicionais cristãs (Páscoa, Natal...), passa sozinho, em companhia de seus livros e pensamentos. Ele está em prisão sem crime cometido, um *orphelin en sursis* (órfão em sursis): “Aos poucos, ele se acostumou com seu destino de órfão em sursis, e passamos a entender seu caráter.” (MARAN, 1931, p. 43, tradução nossa)<sup>19</sup>. Sua condição de orfanato associa-se à morte subjetiva de seus pais, que o deixaram em um espaço isolado da vida familiar. A escola desempenha não apenas a função de prisão, mas, ainda, de orfanato (ambas, com privação de liberdade).

Na tentativa de reconstituir uma relação familiar, Jo lhes endereça cartas, as quais só serão respondidas quando em uma situação de desaprovação de comportamento, ao final da narrativa, a qual reproduzo abaixo:

Esta é a primeira vez desde que você está no liceu, e lamento muito, que você não nos tenha dado satisfação total e que eu tenha que adverti-lo. Acabamos de receber suas notas trimestrais. Elas são muito medíocres, meu pobre Jo, e chegam muito mal. Saiba, para sua informação, — você agora tem idade suficiente para que eu possa lhe dizer o que é, — que não somos ricos, que meu negócio vai de mal a pior, que me sinto cansado e você quase perdeu sua mãe. Cheguei a me perguntar, hoje em dia, se não seria razoável da minha parte liquidar no melhor dos nossos interesses tudo o que temos nessas áreas, arrumar minhas malas, voltar para a França ousar e comprar lá alguma propriedade que eu tentaria melhorar. Reflexão feita, desisto. Mas posso retomar minha ideia um dia ou outro, porque não sou mais muito jovem. E eu sinto falta da França. De qualquer forma, a saúde da sua mãe não permite que ela fique mais neste país. Os médicos também me aconselharam a repatriá-la o mais rápido possível. Ela, portanto, partirá para a França dentro de algumas semanas. Ela estará em Bordéus nos últimos dias do próximo mês de maio ou na primeira quinzena de junho. Você, sem dúvida, a encontrará mudada. O descanso de que ela precisa e os cuidados que serão dispensados a ela logo, eu acho, a colocarão de volta em pé. Em todo caso, tenho certeza, meu querido filho, que você vai se comportar de uma maneira que não a perturbe de forma alguma, e que ela pode contar com o garotão que você

<sup>19</sup> Do original: “*Il s’était peu à peu acclimaté à son destin d’orphelin en sursis, et on avait fini par comprendre son caractère.*” (MARAN, 1931, p. 43).

agora se tornou, assim como eu conto com você. Peça-lhe que recorde em boas saudações dos Segonne, que se comportaram contigo como se você fosse um deles, e que apresente os meus cumprimentos a Mademoiselle, sobrinha deles, que tanto nos fez rir, há quase dois anos, quando veio a ter almoço conosco, no casarão Orina. Em anexo, uma pequena ordem de pagamento de cinquenta francos, para que você possa bancar o jovem, quando sair no domingo. Sua mãe te manda muitos beijos. Eu junto meus beijos aos dela. Seu pai. (MARAN, 1931, p. 112-113, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Os objetivos da única carta do pai são evidentes: adverti-lo do mau comportamento escolar e anunciar a ida da mãe à França, em decorrência de seu estado de saúde. Ao pai não lhe interessaria o bem-estar ou saúde (física, psicológica) do filho, senão para aquilo que diz respeito à saúde escolar (“Acabamos de receber suas notas trimestrais. Elas são muito medíocres, meu pobre Jo, e chegam muito mal”, (MARAN, 1931, p. 112-113, tradução nossa)) e financeira (“não somos ricos, que meu negócio vai de mal a pior”, (MARAN, 1931, p. 112-113, tradução nossa)). O pai exerce aqui a função do Estado: controlar o estatuto de poder e adequar a ação do sujeito à funcionalidade das instituições. Para ele, o filho deve cumprir com as atribuições escolares e se lembrar de que sua família, por mais distante que seja, exerce algum poder sobre as ações do jovem. Isso se confirma mais à frente e mesmo anteriormente, em dois episódios particulares: quando Petit Jo reencontra, enfim, sua mãe e lhe dirige um Madame, ao invés de Maman, e, ao final do romance, quando ele concede à namorada o presente de família (anel de ouro) que sua mãe lhe deu anteriormente. Nessas situações, a

<sup>20</sup> Do original: “C’est la première fois, depuis que tu es au lycée, et je le regrette beaucoup, que tu ne nous donnes pas entière satisfaction et que je suis obligé de te faire des reproches. / Nous venons, en effet, de recevoir tes notes trimestrielles. / Elles sont des plus médiocres, mon pauvre Jo et nous arrivent bien mal à propos. / Sache pour ta gouverne, – tu es maintenant assez grand pour que je puisse te dire ce qui est, – que nous ne sommes pas riches, que mes affaires vont de mal en pis, que je me sens fatigué et que tu as failli perdre ta maman. Je me suis même demandé, ces jours-ci, s’il ne serait pas raisonnable de ma part de liquider au mieux de nos intérêts tout ce que nous possédons dans ces parages, de boucler mes malles, de rentrer en France dare-dare et d’y acheter quelque propriété que je m’efforcerais de mettre en valeur. / Réflexion faite, j’y ai renoncé. Mais il se peut que je reprenne un jour ou l’autre mon idée, car je ne suis plus tout jeune. Et la France me manque. / Quoi qu’il en soit, la santé de ta maman ne lui permet pas de séjourner plus longtemps dans ce pays. Les médecins m’ont, par ailleurs, conseillé de la rapatrier, dès que faire se pourrait. / Elle partira donc pour la France d’ici quelques semaines. Elle sera à Bordeaux soit dans les derniers jours de mai qui vient, soit dans la première quinzaine de juin. / Tu la trouveras sans doute bien changée. Le repos dont elle a besoin et les soins qui lui seront prodigués, auront tôt fait, je pense, de la remettre sur pied. / En tout cas, je suis sûr, mon cher enfant, que tu te conduiras de manière à ne la mécontenter en rien, et qu’elle peut compter sur le grand garçon que tu es à présent devenu, absolument comme je compte sur toi. / Je te prie de me rappeler au bon souvenir des Segonne, qui se sont comportés avec toi comme si tu étais des leurs, et de présenter mes amitiés à mademoiselle leur nièce, qui nous fit tant rire, il y aura bientôt deux ans, lorsqu’elle vint déjeuner chez nous, à la villa ‘Orina’. / Ci-inclus, un petit mandat de cinquante francs, pour que tu puisses faire le jeune homme, quand tu sors le dimanche. / Ta mère t’embrasse bien fort. Je joins mes baisers aux siens. / Ton père.” (MARAN, 1931, p.112-113).

mãe exerce o poder que lhe foi conferido como estatuto de mãe, a qual só exerce para repudiar o filho e pouco para educá-lo ou cuidar afetuosamente dele. Sua família é, para ele, estrangeira: “A família não é apenas sangue e carne, mas acima de tudo um feixe de hábitos. Quem os quebra, quando não tiveram tempo de se tornar necessários, enraizando-se profundamente na memória do coração, quebra até o espírito de família.” (MARAN, 1931, p.63, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Na mesma carta que o pai direciona ao filho, há a menção à família dos Segonne, a quem ele sugere apreciação. Desse fato, é interessante observar o seu papel desempenhado na trajetória da personagem. De um fato trágico, a morte do amigo Jean Segonne, Jo vive uma experiência positiva em família, mesmo que não a sua biológica. Na adolescência, após uma partida de rúgbi, o jovem Segonne contrai uma doença que desencadeia uma série de sucessões catastróficas, até a morte, em presença de Jo. Profundamente angustiados com o falecimento do filho, os pais decidem convidar Jo para acompanhá-los em sua casa e para passar suas férias em contato com a família. Há um aspecto memorialístico na presença do amigo, porque Jo lhes é como o filho que perderam. Na ocasião dessas férias, ele então conhece Augusta, uma jovem empregada por quem ele se vê apaixonado. E ainda reencontra Marthe, outra paixão fortuita. Esses amores paralelos são, para o rapaz, motivo de delírios apaixonados, marcados por um desejo constante de relação. Parece-me que, para Jo, o amor é uma espécie de expressão do desejo íntimo por uma relação, qualquer que seja (caráter bovarista das relações). Assim, sua primeira relação sexual se consuma com uma moça desconhecida, em um contexto um tanto privado. De toda forma, é na casa dos Segonne que ele respira uma vida diferente:

Família, o que isso significa? A família dele era Segonne, era Degorde, eram os pais de Degorde e Segonne, era a prima de Segonne, eram todos seus amigos de Talence, eram todos novos amigos que ele fizera desde que estava no colégio em Bordéus: Fleter, Part e seus companheiros de rúgbi, e seus companheiros da escola de esgrima”. (MARAN, 1931, p.72, tradução nossa)<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Do original: “*La famille n'est pas seulement sang et chair, mais surtout faisceau d'habitudes. Qui brise ces dernières, alors qu'elles n'ont pas eu le temps de devenir nécessaires, en s'enracinant profondément en la mémoire du coeur, brise jusqu'à l'esprit de famille.*” (MARAN, 1931, p. 63).

<sup>22</sup> Do original: “*La famille, qu'est-ce que cela pouvait bien signifier ? Sa famille, à lui, c'était Segonne, c'était Degorde, c'étaient les parents de Degorde et de Segonne, c'était la cousine de Segonne, c'étaient tous ses amis de Talence, c'étaient tous les nouveaux amis qu'il s'était faits depuis qu'il était au lycée de Bordeaux : Flètre, Part, et ses camarades de rugby, et ses camarades de salle d'armes.*” (MARAN, 1931, p.72).

A escola e a família (biológica), da forma como estão, são, na vida da personagem Jo, sistemas sociais dos quais ele vê sentido somente quando lhe é necessário produzir para a funcionalidade da burocracia estatal. E, saibamos, todos esses constituintes são unidades históricas e socialmente tangentes, marcantes em nossas experiências humanas modernas.

## Questões ulteriores

A experiência da autoinscrição identitária da personagem Georges Lindre (Petit Jo, Jo), em *Le cœur serré*, prefigura alguns elementos dimensionados historicamente, quando observamos a fundo a constituição de sua narrativa.

Se, por um lado, a criança solitária e isolada, nascida em território peruano, mas francesa, aparenta estar inquieto por si mesmo, há, por outro, a contrapartida social? *A priori*, sim. Há nele um duplo que correlaciona sua identidade às experiências vivenciadas em lugares distintos, com pessoas alheias, em circunstâncias outras. Em outras palavras, a vida em sociedade é demarcadora de identidades.

O espaço para o qual é destinado lhe é estrangeiro em muitos sentidos: falta afeto, falta humanidade, porque lá é o lugar burocrático por excelência. O trabalho, no sentido moderno do termo, da criança realiza-se na escola, porque, ao final do processo, seu resultado deve ser satisfatório à produção das atividades humanas de desenvolvimento. Georges Lindre, ao final do romance, passa nas avaliações e decide estudar o Direito; passa assim a advogar seus direitos e estar em uma posição social de prestígio. O conhecimento, devo lembrar, é importante para a formação do sujeito social, como experiência de formação histórica. Isto é, a vida escolar não deveria ser **bancária**, como repudiava o intelectual brasileiro Paulo Freire (1921-1997), deveria ser, ao contrário, emancipadora.

Não obstante, não para a personagem, mas para seu autor, como é ser um jovem negro em um território que é estrangeiro em um sentido geográfico e originário no sentido identitário? Essa é uma questão que guarda a complexidade daquele que é definido ao longo da historiografia literária como o primeiro autor negro laureado Goncourt.

### *HISTORICAL DIMENSION OF INTIMACY: LE CŒUR SERRÉ (1931)*

**ABSTRACT:** *This paper proposes an interpretive analysis of the novel *Le cœur serré*, by René Maran (1887-1960), published in 1931. It presents notes about the individual and*

A dimensão histórica da intimidade: *Le cœur serré* (1931)

*collective characters in the set of elements that make up the narrative structure of this novel. I relate it to other works whose evaluation integrates the analysis of literature as units related to the historical course of human activities in society.*

**KEYWORDS:** René Maran. *Le cœur serré*. *Historical Studies*. *Literature Studies*.

## REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, A. **Cahier d'un retour au pays natal**. Paris: Bordas, 1947.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008.

FELINTO, M. **Obsceno abandono: amor e perda**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

GENETTE, G. **Figuras III**. Tradução de Ana Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

HALL, S. **Da diáspora**. Tradução de Adelaine Resende et al. 2. ed. Belo horizonte: UFMG, 2003.

HOMMAGE a Rene Maran. Paris: Présence Africaine, 1965.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**, tradução Marcelo Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KUNSTLER C. *Le cœur, l'esprit et la raison chez René Maran*. In: *HOMMAGE à René Maran*, Paris: Présence Africaine, 1965. p. 43-67.

LADOUCEUR, R. *La guyanité de René Maran*, 2011. Disponível em: <<http://www.manioc.org/gsd/collect/recherch/import/2011/lado-guya.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MALELA, B. **Les écrivains afro-antillais à Paris (1920-1960)**. Paris: Karthala, 2008.

MARAN, R. **Un homme pareil aux autres**. 2. ed. Paris: A. Michel, 1962.

MARAN, R. **Batouala**. 2. ed. Paris: A. Michel, 1938.

MARAN, R. **Le cœur serré**. Paris: A. Michel, 1931.

RENÉ Maran: une conscience intranquille. **Interculturel Francophonies**, n.33, juin-juillet 2018. Direction de R. Little.

